

O fracasso escolar em pesquisas acadêmicas na atualidade

School failure in current academic research

Fernanda Quatorze Voltas é doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É docente pesquisadora na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde atua no curso de Pedagogia e demais licenciaturas. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire, na UFES. É membra da Rede Freireana de Pesquisadores e da Associação Brasileira de Currículo (ABdC).

Contato: fernanda14voltas@hotmail.com

Antonio Francisco de Castro Neto é licenciando em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atuou como estagiário na rede pública de ensino no município de Vitória (ES), nos primeiros anos do Ensino Fundamental, e na rede privada de ensino do mesmo município. Atualmente, é cuidador na rede pública municipal de ensino e recreador.

Contato: antoniorxr@gmail.com

Bianca Luiza Nérís Sabino é licencianda em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atuou como estagiária nas redes pública e privada no município de Vila Velha (ES), na Educação Infantil. Acumula também experiência na rede privada, atuando no contexto de uma Escola Montessoriana.

Contato: bianca.sabino@edu.ufes.br

Tayná Cassaro S. Rafalski é licencianda em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atuou como estagiária na Educação Infantil na rede pública de ensino no município de Vitória (ES) e em escolas da rede privada, nas quais acumulou experiências tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental I. Atualmente, é estagiária da Educação Infantil no CEI Criarte - UFES.

Contato: cassarotay@gmail.com



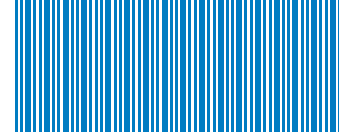
Resumo

Este estudo, de abordagem qualitativa, analisou concepções de fracasso escolar e proposições práticas para o seu enfrentamento, presentes em trabalhos acadêmicos da área da Educação. A investigação utilizou-se da pesquisa bibliográfica, desenvolvida por meio do levantamento de dissertações e teses produzidas no Brasil no período de 2015 a 2020 que tinham como tema central o fracasso escolar. Para tal, foi tomado como fonte um dos principais portais acadêmicos do país, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). O referencial teórico contou com os aportes de Maria H. Patto (1999), Paulo Freire (1987) e Pierre Bourdieu (1992). O estudo permitiu concluir que, na atualidade, o fracasso escolar tende a ser discutido, em nível da teoria, a partir de uma visão mais ampla, que busca contextualizar e evidenciar os múltiplos fatores de sua produção. Isso parece indicar um avanço, uma vez que supera concepções anteriores fragmentadas e focalistas. Os achados reafirmam a necessidade de buscar alternativas teórico-práticas que potencializem a garantia do direito ao acesso e permanência à uma educação com qualidade social.

Palavras-chave: Fracasso escolar. Superação do fracasso escolar. Exclusão na escola

Abstract

This study, with a qualitative approach, analyzed the conceptions of school failure and the practical propositions to face it as presented in academic works in the Education area. The investigation was conducted through a bibliographic research that gathered a comprehensive number of Dissertations and Theses published from 2015 to 2020, which had school failure as a central theme. To this end, one of the most important online research portals in the country, the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), coordinated by the Institute of Information in Science and Technology (IBICT), was taken as the main data source. The theoretical framework included contributions from Maria H. Patto (1999), Paulo Freire (1987) and Pierre Bourdieu (1992). The research allowed



us to conclude that, nowadays, school failure tends to be discussed, at the theoretical level, from a broader view, seeking to contextualize and point out the multiple factors of its causes. This indicates an advancement in the field, since it overcomes its previous fragmented and excessively focused approach. The findings reaffirm the need to seek theoretical-practical alternatives that helps to guarantee the access to, and the permanence on an education system imbued with social quality.

Keywords: School failure. Overcoming school failure. Exclusion at school.

1 Introdução

O fracasso escolar é um tema de fundamental relevância quando consideramos que a educação é um direito social básico, constitucionalmente garantido no Brasil e que, na prática, ainda não se consolidou. Ainda que a Emenda Constitucional nº 59/2009 tenha tornado obrigatória a Educação Básica gratuita para crianças e jovens de 4 a 17 anos, o acesso e permanência desses sujeitos na escola perduram como grandes desafios a serem superados coletivamente. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) revelam que cerca de 1,1 milhão de crianças e adolescentes em idade escolar obrigatória estavam fora da escola em 2019 (IBGE, 2019).

Este estudo, resultante de uma pesquisa desenvolvida em nível de graduação¹, partiu do interesse por melhor compreender as eventuais causas e as possíveis soluções para o enfrentamento do fracasso escolar, buscando identificar caminhos teórico-práticos para enfrentar e contribuir com a superação dessa problemática desafiadora.

Por definição, o fracasso escolar pode ser entendido como um conceito que diz respeito ao insucesso dos educandos por diversos fatores, levando ao baixo desempenho acadêmico e, por consequência, ao desinteresse escolar e/ou à evasão (FORGIARINI; SILVA, 2008). Em acréscimo, Setton (2011) e Vasconcellos (2014) denunciam que o fracasso escolar escancara a distorção do papel social da escola, uma vez que o aluno não se beneficia da finalidade principal dessa instituição, que é a apropriação e a produção de conhecimento, que a escola, comprometida com a

¹ Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso, requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Federal do Espírito Santo.



perspectiva democrática, busca proporcionar de forma sistemática e intencional. Autoras como Patto (1999) e Gualtieri e Lugli (2012) apontam que, ao longo da história, a ênfase da discussão sobre a referida temática recaiu sobre a identificação de possíveis causas, em um debate marcado pela alternância entre explicações relacionadas a fatores extraescolares e intraescolares.

Apesar do fracasso escolar ser muito discutido há muitos anos no Brasil (PATTO, 1999), parece-nos que mudam apenas as concepções de fracasso e eventuais culpados. Diante disso, interessamo-nos por tomar as atuais concepções de fracasso escolar registradas em trabalhos acadêmicos, bem como suas alternativas de superação prática, como nosso objeto de estudo.

De maneira específica, o presente estudo buscou responder às seguintes questões: a) Como o fracasso escolar tem sido compreendido, no contexto de trabalhos acadêmicos da área da Educação, na atualidade?; b) Que alternativas, no campo das práticas educativas, têm sido apresentadas para a superação do fracasso escolar nessas produções?

É oportuno dizer que o estudo procurou investigar concepções e práticas, em uma perspectiva de anúncio de uma nova realidade mais justa e democrática, que ajude a entrever caminhos que possam nos orientar e, também a outros docentes, em sua atuação pedagógica, no sentido de contribuir com o sucesso escolar dos alunos.

A partir de uma abordagem qualitativa, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica como forma de investigação, que incluiu o levantamento de dissertações e teses produzidas no Brasil no período 2015-2020 que tiveram como temática central o fracasso escolar. Esta pode ser compreendida como uma revisão sistemática da produção teórica relativa a um campo/objeto de estudos e permite a criação de conhecimentos novos, posto que não se trata de uma mera repetição de discussões já empreendidas por outros autores, mas, sim, da elaboração de novas sínteses e da apropriação e articulação de tradições (LAKATOS; MARCONI, 2003). O referencial teórico deste artigo recorreu à produção de autores que dialogam direta ou indiretamente com o tema em foco, tais como Maria Helena S. Patto, Paulo Freire, Pierre Bourdieu, dentre outros. A escolha por esses autores pode ser justificada por sua aderência ao espectro do pensamento crítico, entendido como um referencial que busca analisar as relações de poder na sociedade (e na Educação), com a intenção de compreender



seus condicionantes históricos, bem como propor alternativas de transformação do real. Tal perspectiva mostrou-se pertinente às intenções analíticas deste estudo.

2 Compreensões de fracasso escolar ao longo da história

Analisar como o fracasso escolar tem sido compreendido nos dias atuais por pesquisadores brasileiros demanda contextualizar essa temática, de modo a compreender as transformações que as concepções de fracasso sofreram ao longo do tempo histórico.

Pode-se afirmar que, até a década de 1930, a educação pública brasileira era essencialmente voltada à formação das elites socioeconômicas do país. Nas décadas seguintes, a crescente urbanização e industrialização e o aumento das pressões populares por educação influenciaram a expansão das redes públicas de ensino, possibilitando o acesso das camadas populares à escola.

De acordo com Arroyo (2011), a chegada desses novos grupos sociais à escola gerou tensões e conflitos, uma vez que essa presença passou a ser interpretada, por parte dos grupos hegemônicos, como um “perigo” à qualidade da escola, o que provocou uma série de ajustes nos sistemas educativos, de modo a tornar o currículo e a avaliação mais “sérios” e exigentes. Nesse contexto, o sistema público de educação tornou-se gradualmente repleto de barreiras capacitistas² que funcionavam como um funil ao final de cada série.

Na década de 1930, o referencial liberal em muitas esferas políticas, inclusive na educação, era muito presente e utilizava-se da ciência para justificar o insucesso como uma incapacidade nata do aluno relacionada a fatores biológicos. A aprendizagem e a permanência desses alunos no sistema educacional dependia somente de suas “aptidões naturais”. Nesse cenário, a culpabilização individual do aluno por seu fracasso na escola acabava por isentar o poder público de sua obrigação de intervir e incluir, como se não houvesse nada que a escola pudesse fazer já que o fracasso estava relacionado a uma condição do sujeito. Além do fator biologizante, o mérito relacionado ao esforço individual teve muita força nas discussões que pautavam a educação da época, devido ao cenário político liberal.

² Forma de dificultar o alcance de um objetivo pondo em prova as capacidades físicas e/ou intelectuais de um sujeito.



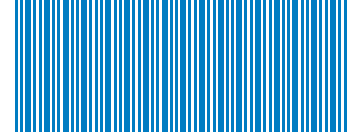
Ainda nos anos 1930, a psicanálise ganhou mais espaço na discussão sobre as causas do fracasso escolar trazendo a ideia de que o ambiente em que a criança estava inserida era considerado fundamental no desenvolvimento da mesma. Essa nova perspectiva não impediu que a escola continuasse a excluir e segregar os alunos considerados “desajustados”, transformando clínicas de higiene mental em verdadeiros anexos escolares para que essas “crianças-problemas” fossem tratadas se “ajustando” não à escola, mas à sociedade como um todo. Não só as crianças passaram a ser estigmatizadas, mas também seu meio familiar e socioeconômico.

A perspectiva do meio ambiente abriu brecha às questões sociais que passaram a ser o fator determinante do insucesso, na discussão pedagógica, entre as décadas de 1940 e 1950. Gualtieri e Lugli (2012) destacam que, nos anos 1950, foi possível perceber que a relação entre fracasso escolar e as classes sociais mais desfavorecidas ganhava evidência à medida que o acesso à escola se estendia às classes mais baixas.

Esses estudos ganharam força nos anos 1960, reforçando a ideia de que crianças de baixa renda eram mais lentas, desinteressadas e tinham até problemas de saúde, o que interferia no seu aprendizado escolar. Com isso, eclodiram os programas de educação compensatória que buscavam reverter essa “privação cultural”.

Entre os anos 1960 e 1970, a ideia de carência cultural passou a ser criticada por sociólogos que passaram a culpabilizar a diferença cultural entre classes baixas e médias pelo desajuste e falta de interesse dos alunos. A escola agora era vista como reprodutora das desigualdades sociais já que seus conteúdos eram inspirados e baseados no cotidiano e nas referências burguesas. O choque cultural acabou sendo determinante do fracasso nesse momento, pois acreditava-se que a criança ao sair de seu lar de baixa renda, e chegar à escola, que reproduzia um padrão de classe média e modos de agir distantes do ambiente da criança, sofria um processo de marginalização.

Posteriormente, outras explicações emergiram. Os anos 1970 foram marcados pelo predomínio da racionalidade tecnicista, de viés economicista, centrada em critérios de custo-benefício que deveriam orientar as decisões sobre o que vale ou não vale a pena investir, em termos de insumos, para melhorar a qualidade da educação. No bojo dessa compreensão, ganhou força um discurso



que afirmava que era preciso preparar as crianças para a escola, os professores para a docência e os jovens para o mercado de trabalho.

A partir desse momento, a ênfase sobre o determinante do fracasso passou a recair sobre os professores e suas práticas pedagógicas. Ou seja, desde que houvesse um “bom planejamento”, se aplicada uma metodologia “correta” e houvesse investimento na formação docente, esse problema poderia ser superado. Dessa forma, as técnicas de ensino ganharam o centro das discussões, reforçando a ideia de que uma “boa prática”, seria suficiente para garantir o sucesso dos estudantes, independentemente de sua classe social.

Em um cenário no qual o fracasso escolar passa a ser compreendido como consequência de uma prática pedagógica ineficiente, podendo ser resolvido com ações de planejamento e novas metodologias, os alunos que persistiam em apresentar baixo rendimento retornam ao lugar de culpados. Agora, a partir de explicações de ordem patológica relacionadas, sobretudo, a eventuais disfunções cerebrais. Essa ideia abriu brecha para a volta dos diagnósticos, sob a ótica farmacêutica nos anos 1980. A solução da vez era medicalizar o que identificaram como um problema: a saúde da criança (GUALTIERI; LUGLI, 2012). O aluno destoante era tido como portador de transtornos e, muitas vezes, diagnosticado como hiperativo. O que poderia ser um real transtorno ou uma das formas de expressão da criança sobre um espaço que a desconforta, oprime e a estigmatiza.

Desse período em diante, entre os anos 1980 e 1990, a escola passou a ser entendida como espaço social no qual se refletiam e se reproduziam as questões sociais e as relações de poder. Da mesma forma que a sociedade se divide em classes e valoriza algumas culturas enquanto marginaliza outras, a escola reproduz esse aspecto de valorização de uma cultura dominante e desvalorização da pluralidade das culturas populares.

Analisando historicamente os contextos educacionais de ensino institucionalizado, percebemos que da década de 1930 aos anos 1980 a culpabilização do fracasso perpassa vários aspectos, porém todos individuais à criança, desde suas capacidades intelectuais até suas heranças genéticas e meios sociais. Contudo, principalmente, a partir dos anos 1980 e 1990, a escola passou, também, a ser entendida como parte do problema, sendo aquela que reproduzia as diferenças sociais e culturais de uma sociedade



organizada em classes sociais. Ainda assim, o fracasso era atrelado principalmente às várias questões da criança. No decorrer da história, o fracasso escolar não conseguiu ser entendido em sua complexidade e multidimensionalidade.

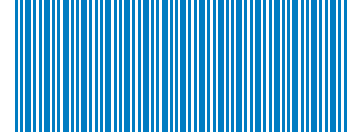
3 Visões sobre as possibilidades de superação do fracasso escolar

Assim como existem diferentes explicações sobre as causas do fracasso escolar, múltiplas vêm sendo as propostas para sua superação registradas na literatura. Ao falar de fracasso escolar, logo nos vem a pergunta: o que configuraria então o sucesso escolar? É quando o aluno responde corretamente a uma questão? Quando consegue notas altas nas provas ou somente quando cumpre todo o processo escolar, sem grandes intercorrências, e se forma? Para muitas famílias, e até para o corpo docente, o sucesso escolar só é realmente visto quando o estudante se forma e inicia o trabalho em uma profissão que tenha uma alta remuneração e com alto prestígio social. Ao longo deste estudo, pudemos perceber que cada autor, em sua teoria, se apropria do termo de maneira diferente.

Lahire (1997) afirma que os conceitos de Sucesso e Fracasso são abstratos e singulares, visto que dependem de circunstâncias externas, do momento histórico e econômico e de como cada família, através do *capital cultural*³, vai entender o que é o sucesso em relação aos filhos. Para Gatti (2010), o sucesso escolar é definido quando o aluno desenvolve aprendizagens significativas e tem resultados que são positivos em relação à aquisição das aprendizagens escolares que permitem ampliar sua leitura de mundo e viver melhor. O aluno precisa passar por um processo de adquirir conhecimento que seja a nível integral e não somente cognitivo, ideia essa que é compatível com o pensamento dos autores deste artigo.

Pensar o sucesso escolar a partir desse enfoque exige refletir também sobre a formação dos docentes e suas condições de trabalho, ainda que não se possa estabelecer uma relação linear, do tipo causa-consequência, entre essas variáveis. Sem dúvida, uma formação inicial comprometida com a democracia e o desenvolvimento técnico-político de futuros professores é fundamental para a construção de uma educação com qualidade social, capaz de contribuir com a permanência dos estudantes na escola.

³ Metáfora criada por Pierre Bourdieu para explicar como a cultura em uma sociedade dividida em classes se transforma numa espécie de moeda. (UNIVESP, 2011).



Porém, concordamos com Gatti, Barreto e André (2011) quando dizem que “[...] as pesquisas não podem correr o risco de reforçar uma ideia, corrente no senso comum, de que o(a) professor(a) é o único elemento no qual se deve investir para melhorar a qualidade da educação”. Para além da formação inicial e continuada, é importante que os professores tenham condições dignas de trabalho, uma boa infraestrutura escolar, instrumentos acessíveis para produção de materiais didáticos e que suas concepções pedagógicas sejam respeitadas e problematizadas pela gestão escolar.

Nas leituras feitas para a produção deste estudo, encontramos diversas vezes argumentos que buscam explicar como as famílias podem, ou não, ser responsabilizadas pelo fracasso ou pelo sucesso do aluno. Um dos caminhos que vêm sendo apontados para a superação do fracasso escolar é a democratização da escola (FREIRE, 1991), que possibilita que as famílias, independentemente de sua configuração, tenham uma relação mais próxima com a escola, participando ativamente das decisões político-pedagógicas e administrativas.

Mas para que isso se concretize a instituição escolar precisa estar aberta a essa aproximação com a comunidade e assumir o seu papel na formação dos sujeitos. Essa formação, em parceria com as famílias, pode ser um caminho que ajude a superar a cultura da reprovação escolar (PARO, 2001), que tanto tem contribuído para o fracasso de crianças e jovens. É essencial que a escola e a família mantenham contato e construam em conjunto um ambiente propício para um bom ensino, superando a lógica culpabilizante.

É comum que as escolas adotem medidas para evitar o fracasso do aluno durante o processo acadêmico, oferecendo processos de recuperação escolar supondo que, ao separar os alunos com dificuldades para aprender da forma que uma maioria demonstra entender, esses irão conseguir o mínimo para se adequar ao sistema. Porém, muitas vezes, essa prática acaba por rotular e estigmatizar os estudantes.

Dessa forma, o que era para ser um mecanismo de apoio se torna algo segregacionista e, muitas vezes, doloroso psicologicamente para o aluno que se encontra nessa posição. Há a necessidade de se encontrar novos meios de ensino (como pensar novas práticas pedagógicas e novas configurações curriculares, por exemplo) para que o aluno que apresente dificuldades, alcance



o nível de conhecimento adequado para a sua emancipação. A lógica da recuperação, por exemplo, é frequentemente sustentada por uma compreensão de que os alunos “atrasados” em seus estudos necessitam de reforço para que possam “absorver” os conteúdos que não conseguiram aprender no tempo regular da aula. Desse modo, o “problema” é localizado apenas no aluno que supostamente tem dificuldade de aprender, e raramente situações como essa ensejam uma reflexão mais aprofundada sobre o sentido e a pertinência dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Para repensarmos o currículo, é necessário revermos alguns fatores importantes que impactam diretamente o processo de aprendizagem dos sujeitos. Precisamos entender que o currículo não pode ser rígido, alinhado a uma perspectiva hegemônica, privilegiando apenas um tipo de aluno enquanto temos uma escola plural e diversificada

O enfrentamento do fracasso escolar requer disposição para repensar fatores da própria organização interna da escola que acabam por excluir e colaboram para a interrupção das trajetórias escolares de muitos estudantes. A avaliação da aprendizagem, por exemplo, ainda hoje é um dos principais mecanismos de exclusão e interrupção de trajetórias acadêmicas na escola. Daí a importância de pensarmos em uma avaliação que seja caminho para a construção da aprendizagem e não para a classificação, punição e exclusão dos alunos.

As políticas públicas na educação também geram um grande impacto dentro das escolas e, dependendo da forma e o objetivo com que são implementadas, podem acabar potencializando o fracasso escolar. Diante disso, urge a necessidade de políticas públicas que compreendam a realidade brasileira, que visem a uma educação acolhedora não só para o aluno, mas também para os professores.

4 Resultados da análise de dissertações e teses do período 2015-2020

A análise empreendida neste estudo foi iniciada com um levantamento de dissertações e teses produzidas no Brasil no período 2015 a 2020 que tinham como tema central o fracasso escolar. Para tal, tomamos como fonte um dos principais portais acadêmicos do país, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e



Dissertações (BDTD), coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A escolha por esse repositório justificou-se pelo fato do mesmo articular e integrar diferentes sistemas de informações de teses e dissertações produzidas no Brasil, favorecendo o acesso a um amplo universo de produções acadêmicas.

Para refinar a busca no portal, utilizamos algumas palavras-chave para nos guiar na procura dos títulos e dos conteúdos das dissertações e teses. Em um primeiro momento, ao utilizarmos a expressão “fracasso escolar”, encontramos 232 trabalhos, sendo 177 dissertações e 55 teses. Em uma busca posterior, utilizando os termos “fracasso escolar” e “causas”, encontramos 50 trabalhos, 36 dissertações e 14 teses; e, por fim, ao combinar as expressões “superação” e “fracasso escolar”, encontramos 17 produções, sendo 16 dissertações e 1 tese.

A leitura dos títulos e resumos dos 299 trabalhos encontrados permitiu selecionar seis produções (uma tese e cinco dissertações) que, em nossa visão, se destacaram por apresentar forte aproximação com o objeto de estudo da pesquisa. Chamou atenção o fato de que quatro dos seis estudos apontaram para uma questão em comum: a necessidade da formação de professores na ajuda ao enfrentamento do fracasso escolar. Apesar de sabermos da importância dessa formação continuada, entendemos que é preciso cuidado ao discutir esse caminho pois responsabilizar apenas o professor não contribui para a superação do problema.

Embora a questão da formação dos docentes tenha sido abordada na relação com diversos fatores, que entendemos como potencializadores do fracasso escolar, nas obras em questão ainda persiste o destaque de um fato singular, o que acaba por perpetuar um discurso fraturado.

Dentre as produções levantadas, nos deparamos com a dissertação de Oliveira (2017), que traz diversos pontos relevantes e dentre os objetivos apontados, um deles é entender como os docentes enxergam o fracasso escolar e, como isso afeta suas práticas.

Nessa dissertação, o autor entrevista algumas professoras da rede pública de ensino, que atuam em turmas da Educação Infantil até o Ensino Fundamental I (exceto o quinto ano). Tais professoras são todas formadas no curso de Pedagogia e muitas delas já pós-graduadas ou com a pós-graduação em andamento. As respostas



são variadas e, partindo de uma visão geral do que se foi analisado, muitas delas tiveram a compreensão de que o fracasso surge da classe social em que o aluno está inserido.

Outro ponto relevante que o autor cita é em como os professores acabam não levando em consideração os aspectos políticos que permeiam o fracasso escolar, dando a entender que, de fato, o problema está exclusivamente na comunidade escolar e nos alunos que constroem esse espaço.

Para além desses apontamentos, o autor denuncia a existência de uma pressão muito forte em cima do corpo docente para que atenda a questões de produtividade e competitividade fomentadas por políticas neoliberais, desvirtuando, assim, o verdadeiro papel social da escola de promoção do desenvolvimento humano e de socialização do saber. Existe, também, um foco extremo no resultado, ato esse que sobrecarrega o corpo docente que, na ocasião da entrevista, denunciou essa prática ao autor.

Como proposta de superação do fracasso escolar, Oliveira (2017) supõe que a formação continuada é um dos caminhos a serem seguidos. E, para que o professor consiga construir suas práticas de modo satisfatório, é importante que a subjetividade docente seja respeitada.

Daí que seja imprescindível que o próprio fracasso escolar seja tomado como objeto de reflexão dos docentes nos momentos coletivos de formação. Oliveira (2017) também sugere que a reestruturação do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola pode ser um caminho importante nesse processo. Essa proposta encontra-se em consonância com a visão discutida no referencial teórico deste trabalho, para a qual a democratização da gestão e da escola é ponto fundamental no processo de enfrentamento do fracasso escolar.

Na análise que fizemos na tese de Muller (2018), ficou evidente a crítica que a autora faz a respeito de uma visão mais patológica sobre o fracasso, ainda presente no cotidiano escolar. Em seu trabalho, a referida pesquisadora denuncia que os educandos são, muitas vezes, diagnosticados precocemente com transtornos de aprendizagem no processo de alfabetização e isso foi percebido por meio da constatação de que uma crescente quantidade de escolares tem sido encaminhada para avaliações clínicas. No entendimento da autora, existem equívocos nas avaliações feitas para diagnóstico de dislexia e déficit de processamento auditivo,



fato esse que acaba por culpabilizar o próprio aluno por seu fracasso.

Além disso, a partir de um experimento pedagógico realizado com os educandos no contexto de sua pesquisa, Muller (2018) concluiu que os estudantes tidos como fracassados, especialmente aqueles pertencentes às classes populares, que frequentemente recebem diagnósticos patologizantes, são capazes de aprender, desde que o currículo escolar dialogue com suas realidades e favoreça a apropriação de conhecimento científico de maneira contextualizada. Esses achados, em consonância com as proposições de Gualtieri e Lugli (2012), anteriormente discutidas, permitem afirmar que a tendência de patologizar e individualizar o fracasso, que ganhou força a partir dos anos 1980, continua presente na realidade escolar brasileira.

Ainda que transtornos de diferentes ordens possam impactar a aprendizagem, isso não dá conta de explicar o fracasso enquanto problema social. Daí que seja necessário desconstruir, na escola, essa visão, que acaba por dificultar que tal instituição repense e transforme suas práticas e seu currículo, em prol da aprendizagem de todos os alunos.

Na obra de Sandra Braga Freire (2016), o objeto da pesquisa é perceber a dialética entre a não objetivação e a objetivação do ensino, considerando as possibilidades existentes na realidade para a apropriação do conhecimento teórico-filosófico. O estudo foi realizado com 32 estudantes do terceiro ano do Ensino Médio durante as aulas de filosofia de uma escola pública, situada na região metropolitana de São Paulo. A autora entende que o fracasso escolar se dá nesse contexto por falta de apropriação de conhecimentos teóricos devido à falta de conexão entre as atividades demandadas por diretrizes oficiais, a realidade em que vivem os adolescentes e as atividades que lhes são intencionalmente propostas em sala de aula.

A ênfase da autora na questão da apropriação do conhecimento científico como causa do fracasso escolar é uma explicação relativamente “nova” no contexto deste estudo, uma vez que não foi mencionada de maneira central por autores que fundamentaram o quadro teórico desta pesquisa. Percebemos que a autora trata o conhecimento teórico como principal ferramenta de superação da realidade de fracasso existente. Ainda que se mostre preocupada com a formação crítica para a emancipação



humana de seus alunos, ela acaba se aproximando de uma narrativa tecnicista do ensino, sequela dos anos 1970, ao focar sua discussão em aspectos metodológicos que poderiam potencializar a apropriação do conhecimento filosófico pelos alunos.

Na obra de Patto (2004) *O Estado da Arte da pesquisa sobre o fracasso escolar*, na qual a autora analisa estudos sobre o tema, é possível perceber que essa visão permanece presente há mais de uma década em trabalhos acadêmicos sobre educação. Fica claro no estudo de Freire (2016) que a causa do fracasso escolar nesse contexto se sustenta nos argumentos de técnicas de ensino inadequadas ao mesmo tempo que a autora denuncia uma “carência cultural”. Para provar sua tese, a professora pesquisadora se coloca a aplicar com esse grupo de adolescentes um ensino de filosofia, em sua visão, voltado para a emancipação humana. O debate empreendido pela autora parece indicar uma compreensão de que a apropriação do conhecimento filosófico por si seria capaz de fomentar uma visão crítica dos estudantes sobre a realidade.

Em sua dissertação, Cajado (2019) foca a área da gestão escolar e a questão de como a má gestão pedagógica pode contribuir com o fracasso escolar. A autora deixa clara a sua visão sobre o fracasso escolar e suas causas, na qual ela explicita que esse não provém de só um fator, sendo a pesquisa dela focada na área de gestão pedagógica e os meios para superar o fracasso por meio de projetos pedagógicos dentro de uma escola, mas deixando claro que é apenas um dos recursos para se combater o fracasso escolar, não o único.

Essa concepção do fracasso escolar merece destaque pois mostra que, na atualidade, existem autores que estão pesquisando sobre esse tema o concebendo como um fenômeno que provém de variadas situações de dimensões e origens diferentes, não mais o atribuindo a uma única causa.

O campo de estudo da autora é uma escola pública mineira de Ensino Fundamental, onde foram feitas entrevistas semiestruturadas com três profissionais da educação que ali trabalham, além de observações e conversas informais com os outros profissionais dentro do ambiente escolar, alguns deles estatutários e outros temporários.

É apontado diversas vezes na obra que a grande rotatividade de profissionais, a não continuidade de variados projetos e também



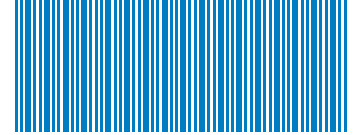
a falta de articulação e comunicação entre os professores nas suas tarefas diárias com as tarefas interdisciplinares são alguns dos grandes problemas nesse ambiente escolar, problemas estes apontados muitas vezes pelos próprios profissionais como advindos de uma gestão autoritária.

Como solução para a superação dessa problemática a autora propõe uma gestão mais democrática e que estimule ações para a aplicação e a garantia de continuidade dos projetos pedagógicos. Acreditamos também que por meio de uma gestão mais democrática e do diálogo entre todos os participantes do ambiente escolar possa haver um caminho para se encontrar a resposta para esse desafio.

Na obra de Cordeiro (2019), a autora tem como objeto as propostas de superação do fracasso escolar relacionadas à alfabetização nos anos iniciais, registradas em publicações acadêmicas. Nessa dissertação, ela também atribui o fracasso escolar a diversos fatores, estes muito mais ligados à lógica capitalista, escola e à formação dos professores, recorrendo à plataforma Scielo como fonte de pesquisa para buscar publicações que apresentem soluções para esse problema.

Em sintonia com Cajado (2019), a autora apresenta em sua pesquisa que o ponto mais citado nas obras pesquisadas por ela sobre o fracasso escolar é a educação bancária descrita por Freire (1987), uma prática mercadológica que não se importa com as especificidades de cada aluno e despeja conteúdo no estudante sem respeitar as suas vivências e o contexto social e cultural a qual ele está inserido. Em vários momentos, as propostas apresentadas por Cordeiro (2019) para a superação do fracasso escolar se cruzam com as de outros autores aqui já apresentados.

A autora apresenta alguns trabalhos que propõem diversas soluções para a superação do fracasso escolar, tais como um ambiente que atraia mais os alunos e que os motive a aprender, ambiente esse que prenda a atenção do aluno e que mantenha seu interesse no saber que está ali sendo construído em conjunto com o seu professor – o que nos leva à proposta de projetos pedagógicos que aproximem o professor do aluno, sendo uma relação menos autoritária, na qual o professor compreende as experiências pelas quais o aluno já passou e o inspira ao descobrir novos saberes. Outra proposta evidenciada é o investimento na formação continuada dos professores para que eles continuem se atualizando e evoluindo o seu ensino com o tempo, pois somos seres inacabados e estamos sempre aprendendo (FREIRE, 1996).



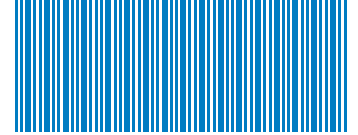
Finalmente, a dissertação de Passos (2017) busca compreender de que forma a produção de sentido participa das experiências escolares de estudantes com conflitos psicossociais colocados na condição de fracassados escolarmente.

A pesquisa teve início com oito alunos que estavam sob o apoio da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem - EEAA por estarem em condição de fracasso escolar e apresentando problemas comportamentais, destoando das normas da escola (a qual relacionava esses comportamentos a problemas econômicos). A partir desses oito alunos, foi realizado um estudo de caso com apenas dois, um dos jovens com 12 e outro com 13 anos. Ao desenvolver o estudo, a autora percebe que as condições de vida não eram motivos isolados que impactavam o desempenho na aprendizagem desses alunos.

Ao mesmo tempo que o referido trabalho tem o mérito de desconstruir uma certa visão fatalista de que os alunos que apresentam conflitos psicossociais irão necessariamente ter dificuldades de aprendizagem, ao enfatizar o poder da afetividade na relação professor-aluno como caminho para a superação do fracasso, a autora acaba por superestimar a ação individual dos educadores diante dessa complexa problemática.

A análise do conjunto das produções apresentadas permitiu compreender que o fracasso escolar vem sendo compreendido como um fenômeno de causa multifatorial, no contexto das produções acadêmicas atuais. Isso porque, mesmo quando os autores focalizam suas discussões em uma determinada causa ou proposta de enfrentamento desse problema, eles não deixam de contextualizar o debate em relação a outros elementos que incidem sobre a realidade do fracasso. Parece haver uma tendência, pelo menos em nível da teoria, de que não seja mais relacionado a supostos problemas individuais de alunos ou professores. Pode-se dizer que a perspectiva de individualização do fracasso foi evidenciada apenas no trabalho de Passos (2017), que, ao atribuir muito poder à ação docente e ao elemento da afetividade na prática educativa, acaba por reforçar a ideia de que os conflitos psicossociais e as dificuldades de aprendizagem podem ser superadas quase que exclusivamente pela “boa vontade” do professor.

Chama atenção o fato de que, se há algumas décadas a teoria justificava o fracasso a partir de uma visão patológica, produções atuais como a de Muller (2018) fazem crítica a essa concepção,



embora reconheçam e denunciem sua permanência no cotidiano escolar.

Parece haver consonância entre a maioria dos trabalhos analisados no que diz respeito ao papel fundamental da formação de professores (inicial e continuada) como caminho para a superação do fracasso escolar. Oliveira (2017), por exemplo, acredita que a formação docente pode ajudar a transformar as percepções e práticas na escola, de modo que essa instituição possa reassumir sua importante função social de contribuir com o desenvolvimento dos estudantes em suas múltiplas dimensões humanas.

Cajado (2019) e Cordeiro (2019) explicitam uma compreensão ampliada a respeito dos fatores de diferentes ordens que, articulados, potencializam o fracasso escolar. Ainda que apresentem propostas distintas de superação desse problema, concordam que essa realidade não pode ser mudada sem que se reinvente o espaço da formação docente.

Mesmo que, em sua maioria, os autores tenham buscado destacar outros condicionantes do fracasso escolar em suas discussões, a forte ênfase dada à formação continuada pode concorrer para a perpetuação dessa problemática, uma vez que pode reforçar a perspectiva de que o esforço individual do professor em prol de sua qualificação seria suficiente para mudar um contexto complexo, conforme a denúncia de Gatti, Barreto e André (2011) anteriormente discutida. Por outro lado, acreditamos que não é possível enfrentar o fracasso escolar desconsiderando a importante tarefa que a formação de professores tem na construção de uma nova realidade escolar mais democrática.

É muito interessante perceber a relação que autores como Oliveira (2017) e Cajado (2019) estabelecem entre o fracasso escolar e o capitalismo enquanto sistema que tende a transformar a educação em mercadoria, sob a ótica da produtividade. Nesse contexto, a padronização de currículos é entendida como prática que nega os conhecimentos populares e reforça a exclusão daqueles que têm os seus saberes e culturas silenciados na escola. Embora tome como ponto de partida a questão da patologização do fracasso escolar, Muller (2018) argumenta sobre a necessidade de se construir, com os alunos, um currículo que dialogue com a sua realidade e seus saberes como condição para o sucesso escolar.



Em relação às causas de âmbito intraescolar, chama atenção o silêncio das pesquisas analisadas sobre a questão da avaliação da aprendizagem, considerada por diferentes autores (PARO, 2001; LUCKESI, 2000) como um dos mecanismos perpetuadores e reprodutores do fracasso. Uma contradição percebida no conjunto das produções é que, mesmo naquelas que apontam elementos de ordem socioeconômica como condicionantes do fracasso escolar, não foram encontradas referências à necessidade de fortalecimento e articulação de políticas públicas multissetoriais que garantam vida digna aos estudantes, professores e suas comunidades como condição para o sucesso escolar, ao lado da necessária reinvenção da escola e sua práticas.

5 Algumas considerações

O presente artigo, resultante de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida em nível de graduação, teve o objetivo de identificar e analisar concepções de fracasso escolar, bem como proposições práticas para o seu enfrentamento, presentes em trabalhos acadêmicos da área da Educação, na atualidade.

O conjunto das produções analisadas permitiu concluir que, no presente, o fracasso escolar tende a ser discutido, em nível da teoria, a partir de uma visão mais ampla, que busca contextualizar e evidenciar os múltiplos fatores de sua produção, mesmo quando os trabalhos focalizam uma causa ou proposta de enfrentamento específicas. Isso parece indicar um avanço, uma vez que supera concepções anteriores pouco relacionais e fragmentadas. Ao mesmo tempo, parece que ainda há muito o que se fazer, na medida em que as pesquisas revelam que, no cotidiano da escola, permanecem visões sobre o fracasso escolar que transitam entre a culpabilização dos estudantes e suas famílias por sua falta de cultura e/ou desinteresse e o apontamento de eventuais transtornos e patologias capazes de afetar o desempenho estudantil.

De maneira geral, foi possível perceber a grande ênfase que as pesquisas analisadas atribuíram à formação docente como caminho para superar a problemática em questão. Concordamos que esse é um elemento importante a ser considerado se queremos construir uma escola mais inclusiva. Mas reiteramos que essa ação apresenta limites e, por si, não dará conta de extinguir o fracasso.



Ao longo da história, alguns estudiosos como Maria Helena Souza Patto e Vitor Henrique Paro, e tantos outros autores, vêm debatendo o fracasso escolar a partir da crítica a perspectivas que individualizam e imputam ao próprio aluno a culpa pela sua não aprendizagem, ou, ainda, enfatizam a suposta responsabilidade “exclusiva” que algumas instituições (Estado e/ou família, por exemplo) têm na produção do fracasso. Pode-se afirmar, a partir da investigação realizada, que tais concepções ainda encontram-se presentes na escola e na sociedade.

É demasiado preocupante saber que muitos alunos, por diversos motivos, não concluem sua vida escolar de maneira satisfatória. Acreditamos que tanto o sistema educacional como um todo quanto o professor, aliados às famílias, podem dar uma importante contribuição na mudança desse cenário.

A responsabilidade pelo fracasso escolar não deve recair exclusivamente sobre o aluno ou nas dimensões escola/professor e permanecer numa ideia que só atrasa o desenvolvimento de uma solução mais efetiva para o problema. O professor pode ser um ponto-chave para o início da mudança, começando dentro da sala de aula com práticas significativas, potencialmente capazes de despertar o interesses dos/as estudantes e contribuir para a sua permanência no espaço escolar, à medida que respondam às suas reais necessidades e interesses, relacionados à existência concreta.

Ainda que o professor sozinho não seja capaz de mudar toda uma estrutura que propicia o fracasso escolar, ele pode ser um dos fatores que provoquem uma reestruturação da forma como as aulas acontecem, sendo mais próximo do estudante e enxergando como um sujeito histórico, considerando suas fragilidades e potenciais. Ao agir assim, o docente pode ser um facilitador desse processo de reconstrução. Acreditamos que uma escola que dialoga com a vida é um caminho para despertar o interesse do educando no que se é trabalhado dentro e fora da sala de aula.

É desejável que a escola reconheça os alunos como participantes de uma sociedade recortada em classes sociais, econômicas, que sofre com as políticas neoliberais que se perpetuam no sistema educacional, mas sem subestimar a potencialidade de aprendizado de crianças e jovens mais pobres, reforçando a ideia de carência cultural e empobrecendo seu currículo.



A família também tem sido, por muito tempo, responsabilizada pelo fracasso escolar dos alunos. Mas esta não detém toda a culpa, ainda que não se possa negar a importância de sua participação na permanência dos/as educandos na escola. Pode-se dizer que o distanciamento entre a escola e a família é um fator importante que, somado a tantos outros já discutidos, pode contribuir com o afastamento dos/as estudantes do espaço escolar. A família também tem o papel formador e é preciso aproximar as esferas intraescolares e extraescolares, de modo a se ampliar as possibilidades de sucesso escolar.

As discussões empreendidas até aqui permitem afirmar que a forma com que as diferentes esferas – escola, professores, famílias – e as políticas públicas se relacionam e o enfraquecimento dessas políticas afetam os demais campos. É a partir delas que se dá base à família, com oportunidades de uma vida digna, que se dá base à escola, com verbas e programas educacionais, que se dá base ao professor, com a formação desde a graduação até a continuidade – e dessa forma é perceptível que, com o Estado proporcionando melhores condições a essas áreas, elas poderiam se relacionar como uma rede de apoio, sendo, assim, mais viável a criação de caminhos para a superação do fracasso escolar.

Pensando nisso, os caminhos possíveis para a superação são vários, focando principalmente a cobrança por políticas públicas efetivas, que constituem o *macro* do problema, como por exemplo, manutenção dos meios de ingresso e permanência por meio do acolhimento das famílias e alunos, ofertando alimentação digna, transporte, assistência psicológica para a comunidade escolar, assim como estrutura física e de materiais (didáticos e de apoio) que permitam essas ações de forma constante e com qualidade.

Além do mais, há esforços que competem aos educadores incluir em sua prática, tendo como horizonte o sucesso escolar. Acreditamos que existem ações, situadas em um nível microssocial, que podem impactar de maneira significativa a dinâmica escolar. Por exemplo, a gestão escolar democrática, que ao enxergar a comunidade com olhar sensível, considerando o recorte social, racial e de gênero, pode estimular suas potencialidades e amparar suas dificuldades. Não rotulando crianças como meros problemas comportamentais de caráter biológico ou social econômico, muito menos negligenciando crianças com facilidades de aprendizados, pois todas têm direito à atenção integral.



Diante disso, acreditamos que tal tema deve ser apresentado como um problema de todos, e, principalmente, dos sujeitos que compõem a estrutura dos profissionais da educação brasileira. Tanto professores já graduados quanto os que ainda se formarão precisam estar a par do assunto para nortear sua própria prática, assim contribuindo com o que falamos ao longo do texto sobre o sucesso escolar.

Acreditamos que a inserção do assunto como uma obrigatoriedade nos cursos de licenciatura, seja como oferta de disciplina, assembleias, palestras ou na formação continuada, com dados atualizados e sugestões de novas e boas práticas, possa nortear o corpo docente em como elaborar melhor suas práticas pedagógicas em sala de aula e na gestão escolar.

Para isso, percebemos necessária uma mobilização acadêmica, no campo da pesquisa e extensão, a fim de uma ação conjunta voltada às comunidades escolares interessadas em pensar em propostas de intervenção, assim como fortalecer o movimento por políticas públicas que garantam os direitos à educação de qualidade, abrangendo os campos da família, da economia e o social.

Em suma, os achados da pesquisa reforçam a ideia de que o fracasso escolar é uma produção social, não se resumindo a casos isolados de “alunos-problema”, presentes em uma ou outra escola. O presente estudo soma-se a outras produções que buscam construir uma nova visão sobre essa questão. Acreditamos que é possível analisar criticamente essa problemática e, a partir de uma perspectiva utópica, imaginar caminhos possíveis para o seu enfrentamento no cotidiano escolar, bem como no nível das lutas coletivas em prol de uma educação que, de fato, seja para todos.



REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CAJADO, Leandra da Silva. **Projetos pedagógicos e o fracasso escolar: desafios e possibilidades de uma gestão colaborativa em uma escola pública mineira**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/8590/1/leandradasilvacajado.pdf>>. Acesso em: 06 de jul. 2022

CORDEIRO, Layze Cristinne. **Alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental: o que propõem as publicações da plataforma scielo (2010-2017) para a superação do fracasso escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <<https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2950/1/Layze%20Cristinne%20Cordeiro.pdf>> Acesso em: 09 jul. 2022

FORGIARINI, Solange Aparecida Bianchini; SILVA, João Carlos da. **Fracasso escolar no contexto da escola pública**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/369-4.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**, 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Sandra Braga. **A mediação do conhecimento teórico-filosófico na atividade pedagógica: um estudo sobre as possibilidades de superação das manifestações do fracasso**



escolar. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19102016-152111/publico/SANDRA_BRAGA_FREIRE.pdf>. Acesso em: 06 de jul. 2022

GATTI; Bernardete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. **Políticas Docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília, UNESCO, p. 15 - p. 18. 2011.

_____. Sucesso escolar. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

GUALTIERI, Regina C. Ellero; LUGLI, Rosário Genta. **A escola e o fracasso escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

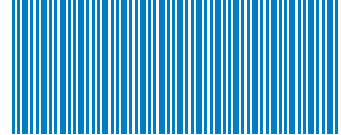
LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas 2003.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Revista Pátio, v. 12, p. 6-11, 2000. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511.pdf>> Acesso em: 03 set. 2021.

MULLER, Laura. **Patologização e fracasso escolar: desnaturalizando respostas**. 2018. 1 recurso online (260 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1634890>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

OLIVEIRA, Artur Bruno Fonseca de. **A produção de sentidos docentes sobre o fracasso escolar**. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2017) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=82986>>. Acesso em: 06 jul. 2022



PARO, Vitor Henrique. **Reprovação escolar**: renúncia à educação. São Paulo: Xamã, 2001.

_____. **Reprovação escolar?** Não, obrigado. São Paulo, 2001. Disponível em: <<https://www.vitorparo.com.br/wp-content/uploads/2019/10/reprovacaoescolarnaobligado.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PATTO, Maria Helena. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, p. 56 e 124.

_____. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 51-72, jan./abr. 2004.

PASSOS, Renata Liziane. “**Quem me leva os meus fantasmas?**”: para além do fracasso escolar: produções de sentidos subjetivos de estudantes em situação de conflito psicossocial. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SETTON, Maria da Graça. **D-01 - Capital Cultural**. Youtube, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a3e06-D4nHo&t=122s>>. Acesso em: 03 set. 2021.

Recebido 10/09/2022

Aprovado em 18/11/2022

